

Camorra

Paradeiro dos Torsi é incerto

Interpol acredita que eles estejam presos, mas é possível que tenham sido assassinados após fuga

JOSMAR JOZINO
josmar.jozino@grupoestado.com.br

Nem o governo italiano sabe o paradeiro de Bruno e Renato Torsi. O agente Roberto Donatti, da Interpol (Polícia Internacional) de Roma, apura se os irmãos continuam presos na Penitenciária de Rebibbia. Já um representante do governo italiano no Brasil afirma que, se os camorristas foram soltos, podem estar mortos, pois pertenciam a um grupo da Camorra que estava em guerra com outros clãs nas ruas de Nápoles.

Os irmãos Torsi eram considerados perigosos pela polícia italiana. Além de pertencerem ao braço de sequestradores da Camorra, também integravam o "grupo de fogo", os matadores da facção, os chamados *killers*, segundo o livro *Gomorra*. Em meados dos anos 80, Bruno, Renato e o irmão mais velho, Francesco, foram acusados de participar do assassinato de um rival conhecido como *Bambulella* (bonequinha).

A morte dele foi encomendada por Paolo Di Lauro, apelidado de "Ciruzzo, o Milionário", também citado no livro *Gomorra*. Apontado como um dos poderosos da Camorra, Di Lauro tinha conexões com os cartéis de drogas sul-americanos e lavava o dinheiro em negócios nos setores de móveis, têxtil, de distribuição de água e no comércio de carnes. *Bambulella* foi morto com tiros de pistolas. Segundo a polícia italiana, o corpo da vítima foi feito em pedaços.

A polícia italiana obteve essas informações graças às confissões de Pasquale Gatto. Ele também integrava o "grupo de fogo". Gatto e os Torsi eram subordinados a *Maccaco*. O delator revelou que sua participação no crime foi roubar o carro utilizado para transportar os pedaços do corpo de *Bambulella*. Gatto também confirmou o envolvimento dos Torsi no crime.

Na opinião do representante do governo italiano no Brasil, o apoio dos Torsi às Brigadas Vermelhas no assassinato do vice-chefe da polícia de Nápoles mostra simpatia de mafiosos com grupos de es-



Cena do filme *Gomorra*, em cartaz em São Paulo: no longa, adolescentes brincam com metralhadoras que fazem parte do arsenal da Camorra

querda: "Os dois lados trocam informações táticas de organização e guerrilha. O PCC também pode caminhar para esse lado".

Barrada em Roma

Na Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, as mulheres dos líderes do PCC, a pedido dos maridos, tentaram arrumar uma namorada para Bruno, mas não conseguiram. A prática é comum entre os presos no castigo. Quem não recebe visita precisa ter namorada. É a forma de não ficar tranca-do na cela nos dias de visita.

Renato, por sua vez, já se relacionava com Ana, moça fina, educada, de olhos castanhos, bonita e magra. Tinha curso superior e cabelos castanhos com corte Chanel. O casal se conheceu quando ele estava em liberdade. Na prisão, a visita íntima era proibida, mas Ana não faltava um dia. Fez amizades com os chefões do PCC e suas mulheres. Quando os Torsi foram extraditados, viajou para Roma, mas foi proibida de entrar na Penitenciária de Rebibbia. ❖

Camorra tem 110 famílias e 7 mil afiliados

● Nascida no século 19, a Camorra é uma organização mafiosa da região da Campania, na Itália, da qual Nápoles é capital. As atividades variam: agiotagem, extorsão, contrabando de cigarros, tráfico de drogas, importação irregular de carne, jogo clandestino e produção de cimento em Campania. É quase certo que a palavra é a junção de *capo* (chefe) e *morra* (jogo de rua tradicional de Nápoles).

Muito integrada à comunidade, sobretudo junto às camadas mais pobres, uma das estratégias da Camorra para ganhar prestígio é o clientelismo político. Imagina-se que a organização italiana conte atualmente com cerca de 110 famílias e mais de 7 mil afiliados, que movimentam na Itália cerca de € 587 milhões por ano. ❖

Jornalista faz radiografia da organização

● Escrito pelo jornalista italiano Roberto Saviano, o livro *Gomorra* deu origem ao filme homônimo, vencedor do Grande Prêmio do Júri do Festival de Cannes 2008.

Nascido em Nápoles, Saviano faz uma radiografia da Camorra, mostrando como ela se infiltrou na economia legal da região e expandiu seus negócios para o restante da Europa, EUA, São Paulo e Rio. O jornalista também detalha as brigas sangrentas pelo poder, a formação dos camorristas, de pequenos entregadores de drogas a administradores de negócios dos clãs, e o teste de misturas de drogas em viciados. Foi jurado de morte – a Camorra havia prometido matá-lo até o Natal passado, o que não aconteceu – e hoje vive sob proteção de policiais. ❖

Criação do CV contou com presos políticos

● Assim como os fundadores do PCC se inspiraram na Camorra, o Comando Vermelho (CV) foi criado em 1979 a partir do contato entre presos políticos e comuns no presídio de Ilha Grande, no Rio de Janeiro. No início, o objetivo da parceria era o de confundir os criminosos com presos políticos, o que diminuiria a pena dos ladrões de banco. Foi depois do fim da aliança que o CV adquiriu as características atuais. A organização cresceu e ficou mais conhecida por comandar o tráfico no Rio.

O PCC foi fundado por 8 presos na Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, em 31 de agosto de 1993. A facção cresceu e domina 95% dos 144 presídios paulistas. O PCC adotou o slogan do CV, "Paz, Justiça e Liberdade". ❖

SEMELHANÇAS

➤ Camorra e PCC têm milhares de associados. Os sócios estruturados contribuem financeiramente com a organização

➤ Os causadores de conflito, traidores e os que desviam dinheiro recebem pena de morte

➤ Uma das atividades mais rentáveis é o tráfico de drogas

➤ Os dois grupos têm na base principal os líderes de primeiro, segundo e terceiros escalões. Eles comandam territórios. Cada chefe escolhido manda em uma região

➤ As facções lavam o dinheiro investido em empresas. A Camorra, na indústria têxtil, construção civil e, principalmente, na pirataria de roupas, tênis e eletrodomésticos. O PCC, em postos de combustíveis, transportes alternativos e até hotéis

➤ A Camorra e o PCC também contam com departamento jurídico, contratando advogados para defender os associados em caso de prisão. Prestam ajuda, com comida e cestas básicas, aos familiares dos associados quando os mesmos estão presos

➤ Usam dinheiro ilícito para corromper juizes, policiais, agentes penitenciários e autoridades

➤ Difundem o medo; impõem a lei do silêncio; pregam o sequestro de agentes da lei e de jornalistas para usá-los como moeda de troca e divulgar reivindicações. Matam juizes para intimidar o Estado

➤ As organizações têm seus tribunais. Os condenados são executados de maneira semelhante. Os rivais de outros grupos ou os excluídos da facção são julgados, mortos a tiros e têm os corpos queimados em veículos roubados

➤ Tanto a Camorra como o PCC mantêm nas ruas um exército de soldados com armas poderosas, pronto para cumprir ordens dos comandos, como atentados, ataques a bases policiais e assassinatos. Quem desobedece morre

FALECIMENTOS

D. DALIA WAINROBER - Dia 22, aos 68 anos. Filha do sr. Moshe Shnur e de d. Esther Shnur, era casada com o sr. Pedro Wainrober. Deixa os filhos d. Monica Vas, casada com o sr. André Vas, e Ari Wainrober, casado

com d. Esther Wainrober. Deixa ainda netos. Era irmã de Ilana Gelbard e Orna Levinstein. O enterro será realizado hoje, dia 25 (domingo), às 10 horas, no Cemitério Israelita do Embu, onde o corpo está sendo velado.

D. BERENICE DELIMA SOARES DE MOURA - Aos 84 anos. Viúva do sr. Ciro Soares de Moura, deixa filha.

D. GEORGINA DRIGO DE SOLDI - Aos 77 anos. Viúva do sr. Julio de Soldi, deixa filhos.

D. ROSA BRANCACIO EMILIO - Aos 74 anos. Viúva do sr. Manoel Joaquim Emilio, deixa filhos.

D. INES CIOTTO JODAR - Aos 71 anos. Viúva do sr. José Jodar Fernandes, deixa filhos.

D. MARIA DAGRAÇA (Gracita) TAURISANO COTRIM - Dia 21. Viúva do dr. Eduardo Faria Cotrim, deixa filha, netos e bisnetos.

Dr. CARLOS RAUL DE MORAES ARANTES - Aos 87 anos. Viúvo de d. Yolanda da

Costa Guimarães de Moraes Arantes, deixa filha.

IMRE KONCZ - Aos 81 anos. Viúvo de d. Margareta Utri Koncz, deixa filhos.

ANTONIO RODRIGUES CRO - Aos 77 anos. Viúvo de d. Maria José Fernandes Figueira, deixa filhos.

JOÃO MATHEUS - Aos 74 anos. Casado com d. Helenice Pagliuso Matheus, deixa filha.

FRANÇOIS THEOCHARIS PAPAIOORDANOU - Aos 74 anos. Casado com d. Irene Fernandes Neto Papiordanou, deixa filhos.

JOAQUIM ANTONIO DAS NEVES ALVES - Aos 67 anos. Casado com d. Neusa Moraes das Neves Alves, deixa filhas.

MANOEL PEREIRA DE SOUZA - Aos 57 anos. Casado com d. Rita da Silva Souza, deixa filhos.

MISSAS

D. YVONNE RIBEIRO FERRAZ - Hoje, às 10 horas, na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, Colégio Liceu em Campinas (7º dia).

D. ROSA MARIA OPICE BLUM - Hoje, às 16h30, na Catedral Anglicana de São Paulo, na Rua Comendador Elias Zazur, 1.239, Jardim Bela Vista (7º dia).

D. IVONE CURY VILLA REAL - Hoje, às 17 horas, na Paróquia Santa Rita de Cássia, na Rua Dona Inácia Uchoa, 106, Vila Mariana (7º dia).

D. MARIA HERMÍNIA NOGUEIRA VAN ROOST - Hoje, às 18h30, na Igreja São João Evangelista, na Praça Dirceu de Lima, 297 (30º dia).

D. SABINA VELLEGO - Dia 26, às 12h30, na Igreja Nossa Senhora do Brasil, na Avenida Brasil, Jardim América (7º dia).

D. LEDA NOGUEIRA REILLES - Dia 26, às 17h30, na capela lateral da Igreja Nossa Senhora do Brasil, na Avenida Brasil, Jardim América (7º dia), ela faleceu no dia 20, em Belo Horizonte (MG).

JOSÉ LUIZ RIBEIRO ARANHA - Hoje, às 18h30, na Paróquia Assunção de Nossa Senhora, na Alameda Lorena, 665, Jardim Paulista (30º dia).

JEAN PIERRE F. ISNARD - Dia 26, às 18 horas, na Paróquia de Nossa Senhora Mãe da Igreja, na Alameda Franca, 889, Cerqueira César (2º aniversário).

NEWTON LUIZ CARDOSO ARANHA - Dia 26, às 18h30, na Igreja São Gabriel, na Avenida São Gabriel, 108, Jardim Paulista (2º aniversário).

fh FUNERAL HOME
Velórios Personalizados
Atendimento 24 Horas
Serviços de Segurança e Manobrista
Assistência Integral à Família
Aconchegante como seu Lar
Preços a partir de R\$ 2.500,00
R. São Carlos do Pinhal, 376 - B. Vista
Tel.: 3287 0331
www.funeralhome.com.br

Gilberto Amendola

ESCRITOR E JORNALISTA
gilberto.amendola@grupoestado.com.br



Fiz uma canção para ninar São Paulo

Dorme, meu amor. Sossega esse coração congestionado. O amanhã é uma comédia previsível. Feche a persiana da tristeza e trate de sonhar... Lembra como se faz? Dorme, princesa. Escuta essa canção que eu fiz pra você – escuta a canção que eu rabisquei nesse guardanapo encardido de mesa de bar. Se é bonita? Se é boa? Se vai te fazer melhor? Não. Claro que não. Sou só mais um poeta ruim lá da Vila Madalena, lá da nossa Ipanema sem praia, nosso Village de papel crepom e festim.

Eu sei, meu bem, você merecia um desses poetas que usam gola bufante, chapéu de artista e sabem recitar Rilke de olhos fechados. Você merecia um Frank Sinatra cantando ao seu lado. Paciência. Quem vela o seu sono é esse poetinha tosco da Vila Madalena. Sou eu quem vai te fazer dormir em paz. Fiz essa canção pra isso. Essa canção é sobre tudo o que eu amo e que odeio no seu jeito de

me esmagar, com sua bota aterrizante e sua luva de pelica. Essa é uma canção sobre a crueza domesticada das suas esquinas, sobre barquinhos de papel que afundam no meio-fio da nossa vida.

Essa é uma canção sobre um rio de tinta nanquim derramado em seu berço quente. Uma canção sobre um rio sem pernas, um rio que não corre, um rio que nunca viu o mar – e que aqui jaz moribundo, mas que a gente insiste em ressuscitar. Respiração boca-a-boca?

Essa é uma canção sobre ônibus lotado, buracos do Metrô e pregadores de trem. Ela serve também aos malabaristas de farol, os gangsters flanelinhas e aos mendigos do mundo fashion. Uma canção para tocar em qualquer rádio pirata, uma canção para os ambulantes da 25 de Março. Olha o rapa, rapaziada!

Esquece a buzina, querida. Não é ninguém. Dorme enquanto eu canto a canção que eu fiz pra te

Dorme, princesa. Escuta essa canção que eu fiz pra você – escuta a canção que eu rabisquei nesse guardanapo encardido de mesa de bar. Se é bonita? Se é boa? Se vai te fazer melhor? Não. Claro que não

ninar. A canção sobre a solidão das suas multidões, seus aglomerados de zumbis trabalhadores e ninjas miseráveis. Canto pra quem habita suas ruínas, quartos, salas e cozinhas. Canto seus deserdados, seus gênios e seus otários.

Essa canção é sobre o sorriso grafitado no seu muro de lamentações. Sobre acidentes de carro, ciclistas atropelados e crimes passionais. Uma canção sobre a violência que vende jornal. Uma canção cheia de sangue, uma canção visceral escrita por um falso poeta lá da Vila Madalena.

Fiz uma canção sobre as suas meninas. Sobre os amores que você me tira. Fiz uma canção sobre todos os desencontros possíveis, agendas que não encaixam, horários que não batem e holerites divergentes. Fiz uma canção sobre a única coisa que você realmente respeita, dinheiro.

Fiz uma canção, como legítimo poeta fajuto lá da Vila Madalena, sobre o seu jeito de pisar na flor mais distraída do nosso Jardim. Só um burro, ou um poeta ridículo da Vila Madalena, pode se vestir de romântico nesse canto do mundo. Sou um dos três patetas. Dorme, minha cidade esquisi-

ta. Dorme ao som da minha canção poluída – deixe que rimem, que pensem, que falem (que falem). Deixe que eu adorne seu fracasso, seu jeito inviável de tratar quem chega de mãos vazias.

Fiz uma canção para encontrar o mapa do seu tesouro perdido. Fiz uma canção para cavar em plena Marginal Pinheiros (em busca de pedras preciosas). Fiz uma canção para o disco voador que ainda vai pousar na sua principal avenida. Fiz uma canção porque te acho maluca.

Dorme, amor. Fiz essa canção porque não vivo sem você. Fiz essa canção porque sou seu escravo vocacional. Fiz essa canção porque eu, poeta pernetá lá da Vila Madalena, gosto do seu labirinto de ruas maltratadas. Fiz essa canção porque bebi demais.

Fiz a canção mais barulhenta que eu podia fazer. Fiz a canção pra ninar quem nunca dorme. Fiz a canção que São Paulo merece.